

Resenha

Liora Bresler e Christine Marmé Thompson (Org.). *The Arts in Children's Lives- context, culture, and curriculum*, Editora: Kluwer Academic Publishers, 2002.

Ana Lúcia Louro

Escrever esta resenha trouxe-me ao longo do processo muitos questionamentos. Entre eles: Quais as contribuições de um livro que em quinze capítulos, escritos por autores diferentes e entrecortados por comentários das organizadoras, trata de relacionamentos das crianças com diversas manifestações artísticas? Estariam os pesquisadores em música no Brasil interessados nessas discussões? Ao longo da leitura, procurei ver quais temas dialogavam mais com as minhas experiências de pesquisadora na área de música e porque o faziam. Desta forma pude destacar três aspectos relacionados a cada uma das três partes nas quais o livro está organizado: 1. Contexto: o estudo do contexto do aprendizado de cada fazer artístico, de quem é esse professor,

essas crianças, esse espaço e essa comunidade, é de fundamental importância para a reflexão sobre a construção de significados nessas relações. 2. Desenvolvimento: a área de artes tem uma contribuição importante a dar às teorias do desenvolvimento infantil enquanto questionadora do desenvolvimento lógico-matemático como parâmetro para a compreensão da vida das crianças. 3. Currículo: A reflexão sobre experiências concretas de busca de diálogo entre o contexto do espaço de aprendizagem e as realidades vividas pelos professores e alunos traz novos questionamentos que na medida em que são refletidos apontam para novos “insights” sobre a prática do currículo em artes.

Bresler e Thompson (2002, p. 6) resumem o propósito do livro como o de:

“gerar um diálogo sobre o papel e o significado da arte na educação de crianças de três a oito anos, em um momento em que esse tipo de diálogo parece provocar um interesse substancial tanto entre os educadores artísticos como entre os professores especializados em educação infantil”.¹

Cada parte deste livro- contexto, desenvolvimento e currículo- é introduzida por um “interlúdio”. O livro como um todo tem uma introdução (*foreword* e *prelude*) e uma conclusão (*afterwords*). Estas partes introdutórias e conclusivas apresentam resumos claros dos principais aspectos tratados nos capítulos. Bresler e Thompson justificam a conexão destas três partes da seguinte maneira:

“Assim como as teorias do desenvolvimento tem evoluído para uma maior sensibilidade para a criança individual e as circunstâncias particulares, a nossa compreensão do contexto onde o aprendizado ocorre, também tem crescido nos últimos anos o papel mediador que os professores desempenham em ajudar as crianças a decifrar e reconciliar mensagens muitas vezes conflitivas” (p. 153).²

Os capítulos na parte referente ao contexto trazem importantes questionamentos. Hamblen problematiza a relação entre a arte feita dentro da comunidade e a arte na escola, acreditando que “o contexto artístico local pode fornecer pistas para um aprendizado artístico significativo” (p.25). Nettl reflete sobre diferentes sistemas culturais de aprendizagem e fazeres musicais e suas possíveis interfaces. Wilson descreve o desenho das crianças japonesas influenciado por “histórias em quadrinhos” e desenhos animados e as possíveis implicações dessa prática para a compreensão do significado da arte para as crianças dentro da construção de identidades, entre outras a identidade “japonesa”. Complementando as demais reflexões sobre aprendizagem em contex-

tos não escolares e seu diálogo com a aprendizagem escolar Campbell realça a importância que o professor pode adquirir em ajudar a criança a desenvolver as suas “habilidades musicais naturais”. Da mesma forma, Mans procura refletir sobre a cultura das tribos da Namíbia, sua maneira “tradicional” de fazer música e os currículos que buscam dialogar com esses modos de aprendizagens.

Olhar para o contexto da aprendizagem da criança é uma linha de pesquisa informada pela perspectiva de que “as crianças são históricas e contextuais, não universais” (Walsh, p.101). Na parte do livro que trata do desenvolvimento diversos autores trazem argumentos para justificar esta afirmativa. Egan e Ling destacam o estudo da poesia como aprendizagem artística propondo um olhar sobre o desenvolvimento infantil que, diferentemente da lógico-matemática de Piaget, esteja baseado na vida imaginativa das crianças. Walsh aponta a pluralidade das dimensões do “eu” realçando o desenvolvimento artístico como especificamente situado. Fornecendo um exemplo de desenvolvimento específico na área de teatro, Schonmann sublinha o conceito de distanciamento estético como central ao ensino de teatro para crianças pequenas, onde estas precisam apreender a lidar com as diferenças entre o real e o imaginário. Em relação a área de música Welch faz uma revisão de pesquisas sobre o desenvolvimento musical da criança em busca de “diferenças que refletem ‘rotas’ individuais de desenvolvimento dentro de ‘avenidas’ musicais socialmente construídas” (p.125). Dentro da construção social do desenvolvimento Thompson destaca a aprendizagem pelos pares, exemplificando com casos de atividades de desenho.

Na última parte os autores tratam de diversos temas incluindo “novas” tecnologias e abordagens em arte, a “vida dos professores” e o papel das disciplinas artísticas no currículo da escola regular. Stinson trata do contexto de vida dos professores, exemplificando com situações pessoais de vivências de aprendizagem de dança e movimento experienciadas com seus filhos. Os demais capítulos estão menos centrados no professor. Bresler destaca a tensão entre um currículo ideal em artes plásticas e as realidades das escolas, refletindo sobre a arte escolar como um gênero híbrido. Thompson, propondo um olhar artístico para o aprendizado da língua materna, acentua que as artes poderiam informar a metodologia de ensino de áreas mais “tradicionais” do currículo. Grace e Tobin descrevem um projeto com vídeos realizados por crianças no Havaí, que apresenta importantes reflexões sobre controle escolar (incluindo o papel do professor nesse controle), prazer de aprender em relação à

paródia ou o que elas chamam de “carnavalesco” e a negociação (ou não) de limites, quando a cultura popular começa a povoar as salas de aula. Webster descreve diferentes softwares para aprendizado de música através do computador refletindo sobre a relação da criança com a “máquina” e as diferentes abordagens de Educação Musical que estão por trás do desenho desses programas.

Como um grande caleidoscópio este livro possui cores da mesma tonalidade e outras que não parecem estar olhando para o tema “arte e criança” sobre perspectivas semelhantes. Assim, a ousadia de Grace e Topin ao afirmar que

“Os vídeos deram aos alunos a chance de representar seus desejos, de trabalhar seus medos e preocupações, e de brincar com a sua identidade de criança. No processo, o prazer coletivo foi produzido. Os professores, no entanto, tinham menos certeza do que fazer quando a escola se torna não só divertida mas prazerosa” (p.206).

Contrasta com a sobriedade de Welch ao descrever que:

“Os dados longitudinais revelaram uma hierarquia explícita no desenvolvimento das competências vocais das crianças [...] Existe também uma clara evidência geral, sistemática e estatisticamente significativa na habilidade de combinar as alturas de um ano escolar para outro” (p.123)

Mas parece que é essa pluralidade que melhor desperta o diálogo em torno do tema da arte na vida das crianças. Este livro pode convocar o interesse dos pesquisadores em música, na medida em que faz um mapeamento das visões sobre artes na infância e acena para um diálogo fecundo entre as reflexões feitas na área de música com as reflexões realizadas por outras áreas artísticas. Tanto o pesquisador em busca de autores conhecidos como aquele interessado no tema central do livro encontrará textos bem fundamentados e pertinentes ao momento atual das discussões sobre a relação entre artes e infância. Tais discussões não parecem estar longe da realidade brasileira uma vez que se ocupam com os problemas de contexto, cultura e currículo também problematizados por pesquisas recentes na área de Educação Musical no Brasil.

Notas

1 As traduções do inglês para o português foram feitas por mim

2 Uma vez que todas as citações referidas nessa resenha são do livro em questão, será omitida a data.